

**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS - ILL
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**HISTÓRIA, FICÇÃO E ORALIDADE: UMA LEITURA DE O ALEGRE CANTO DA
PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE¹**

Flávia de Freitas Paiva²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance *O alegre canto da perdiz* (2008), da autora moçambicana Paulina Chiziane. A análise se concentra nas personagens Delfina e Maria das Dores, relacionado suas encenações com o processo histórico de assimilação em Moçambique. A pesquisa destaca a jornada dessas duas personagens femininas, cujas experiências são marcadas pelas consequências do colonialismo que influenciou suas trajetórias ficcionais sob a opressão. Para fundamentar essa análise, utilizamos como base teórica as reflexões de autores que discutem questões do colonialismo português, opressão e representação feminina. Entre eles, Linda Hutcheon (1991), Terezinha Taborda Moreira (2013), Leda Maria Martins (2021), Ana Mafalda Leite (1998), André Vitorino Mindoso (2017), Frantz Fanon (1952), Djamilia Ribeiro (2017). Ao mobilizar essa abordagem teórica, buscamos evidenciar como as trajetórias desses personagens refletem não apenas suas lutas pessoais, mas também um contexto mais amplo de resistência e resiliência diante das marcas deixadas pelo colonialismo em Moçambique.

Palavras chave: Colonialismo, O alegre canto da perdiz, Paulina Chiziane, romance moçambicano, , representação feminina,

Abstract: The present work aims to analyze the novel *The Joyful Song of the Partridge* (2008) by Mozambican author Paulina Chiziane. The analysis focuses on the characters

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof. Luana Antunes Costa.

² Discente do curso de Letras Língua Portuguesa pela UNILAB.

Delfina and Maria das Dores, relating their portrayals to the historical process of assimilation in Mozambique. The research highlights the journey of these two female characters, whose experiences are marked by the consequences of colonialism that influenced their fictional trajectories under oppression. To support this analysis, we utilize as a theoretical basis the reflections of authors who discuss issues of Portuguese colonialism, oppression, and female representation. Summary: The present work aims to analyze the novel *The Joyful Song of the Partridge* (2008) by Mozambican author Paulina Chiziane. Among the scholars referenced are Linda Hutcheon (1991), Terezinha Taborda Moreira (2013), Leda Maria Martins (2021), Ana Mafalda Leite (1998), André Vitorino Mindoso (2017), Frantz Fanon (1952), and Djamila Ribeiro (2017). By mobilizing this theoretical approach, we seek to highlight how the trajectories of these characters reflect not only their personal struggles but also a broader context of resistance and resilience in the face of the scars left by colonialism in Mozambique.

Keywords: Colonialism, *The Joyful Song of the Partridge*, Paulina Chiziane, Mozambican novel, female representation.

1. Introdução

A obra romanesca de Paulina Chiziane revela o modo pelo qual os corpos femininos e moçambicanos são percebidos pela sociedade pós-colonial em Moçambique. Desse modo, o objetivo do nosso estudo é desenvolver uma análise literária do romance *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, sob a concepção teórica dos estudos pós-coloniais, destacando os impactos da violência sobre o corpo das personagens Maria das Dores e Delfina e a sua relação com o processo histórico da assimilação em Moçambique.

Nesse caso, serão abordados os acontecimentos relacionados ao contexto social e histórico do país a fim de dialogar com o enredo da obra. A análise literária se apoiará na crítica pós-colonial, uma vez que a narrativa enfatiza a oposição entre colonizado e colonizador, desvelando as tensões e os conflitos resultantes desse encontro.

Mendes e Ciarlini (2014) complexificam essas relações no texto “O pós-colonialismo em *O alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane: pontos convergentes”, e alcançam o entendimento de como a ficção e a teoria se complementam na abordagem das dinâmicas entre dominador e dominado. Desse modo, importa destacar, em nossa análise,

questões relacionadas à identidade de gênero e poder presentes na narrativa literária de Chiziane.

Ao analisarmos a representação do corpo feminino na literatura moçambicana de Chiziane, é possível explorar o modo como a autora aborda a construção social do corpo feminino e a sua relação com o contexto cultural histórico em que a história se desenrola.

No estudo de Cardoso e Silva (2021) “Da Assimilação à Mãe África: Representações do Feminino em *O Alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane”, os autores apresentam duas representações do corpo das personagens femininas:

Primeiro, a mulher como duplo da terra, objeto a ser tomado pelo colonizador. A sua posse seria a concretização da dominação daquele território, já que o ser africano seria uma “extensão” da terra. A segunda representação que pode ser recuperada na leitura do romance estaria ligada à noção de “Mãe África”, a mulher-mãe como a origem comum de todas as negras e negros em solo africano e também os da diáspora (CARDOSO, SILVA, 2021, p. 134, 135).

O romance *O alegre canto da perdiz* (2008), é interpretado como uma narrativa polifônica pelo fato de a autora apresentar diversas vozes femininas a fim de refletir as diversas experiências e desafios enfrentados pelas mulheres em Moçambique.

Nesse contexto, destaca-se a trajetória da personagem Delfina, uma moçambicana que vive em um ambiente marginalizado, caracterizado pela pobreza extrema, opressão de gênero, além de questões identitárias complexas que refletem as lutas cotidianas enfrentadas pela sociedade moçambicana.

A marginalização de Delfina e de outros personagens no romance está atrelada a uma variedade de fatores sociais decorrentes da colonização que exercem uma influência significativa sobre suas existências.

A narrativa se desenvolve a partir da história de Maria das Dores (filha da protagonista, Delfina). “Uma mulher negra, tão negra como as escrituras de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra” (CHIZIANE, 2008, p. 7).

Com isso, no intuito de apresentar a trajetória de Maria das Dores, a narrativa explora a história das mulheres de sua família: sua mãe, irmãs, avó e filhos, formando uma corrente ininterrupta que atravessa o tempo e define os espaços do narrador. O foco central recai sobre Maria das Dores, uma figura que simboliza a luta e a resiliência feminina em um ambiente social e cultural permeado por tradições patriarcais e desigualdades.

Ao longo de sua jornada pessoal, o romance não apenas expõe as adversidades enfrentadas por Maria, mas também oferece um panorama abrangente da história das mulheres de sua família.

A análise se centrará nas personagens Delfina e Maria das Dores, uma vez que são centrais na trama. Ambas se encontram em um lugar em que as pessoas brancas e pretas não são tratadas de forma igualitária e, aos pés do Monte Namuli, coletam lágrimas e superam traumas. “Nas curvas da mulher nua, mensagens de desespero.” Paulina Chiziane (2008)

A epígrafe mencionada evidencia que a autora emprega a metáfora do corpo feminino para evidenciar as dores e os anseios das mulheres moçambicanas que enfrentam situações de opressão e subalternidade.

Por meio de sua expressão ficcional, Chiziane dá voz a essa realidade oculta e complexa silenciada pela sociedade, já que a narrativa abrange diversos períodos históricos de Moçambique, desde a luta pela independência até os conflitos da guerra civil. Delfina vivenciou eventos significativos antes, durante e após a guerra pela independência dando a luz a Maria das Dores ao final da guerra colonial.

Desta maneira, ao narrar a história de mãe e filha, evidencia-se também um tema que permeia a narrativa, a saber: o processo de assimilação. Assim, afiança-nos os autores de “O Alegre Canto do Corpo Feminino e Suas Notas Dissonantes”

Na relação amasiada com Soares, Delfina personifica o processo de assimilação, de certa forma, imposto à população colonizada. Ela quer o apagamento das dores e, para isso, não teme afastar a África de si, juntando-se a um branco português. Recorre à assimilação como um bem de direito, artigo imprescindível para seu projeto de ascensão social (MEDEIROS, SECCO, 2014. p.26).

O processo de assimilação encenado no romance de Chiziane associado ao contexto de Moçambique, refere-se ao mecanismo pelo qual os indivíduos são absorvidos pela cultura e estilo de vida dos colonizadores portugueses durante o período colonial que teve a sua duração entre os anos de 1498 a 1975 (MINDOSO, 2017, p.21).

Nesse romance, a autora se debruça sobre as complexidades desse processo de assimilação, especialmente no contexto da colonização e da opressão das mulheres.

Pediu ao pai para ser assimilado, a fim de ter acesso à escola oficial, onde as professoras eram mulheres normais e não freiras esquizofrênicas. Mas o pai disse que não. Porque os assimilados eram assassinos. O pai de Delfina disse não à assimilação, sem saber que a libertação da pátria seria na língua dos brancos e sem imaginar ainda que os filhos dos assimilados iriam assumir o protagonismo da História. Delfina fervilhava de revolta: porque é que os pais interferiam nos sonhos das filhas? Uma vez é para casá-las cedo, outras para fazê-las trabalhar nos campos, e no caso dela foi para ser inaugurada por um velho branco a troco de um copo de vinho (CHIZIANE, 2008, p. 74).

Como podemos observar na passagem do romance acima, Delfina expressa um desejo de assimilação à cultura dominante, o que implica uma busca por oportunidades e um futuro melhor. No entanto, essa assimilação é percebida com desconfiança pelo pai que associa os assimilados a traidores e assassinos da sua própria cultura.

A resistência do pai à assimilação revela uma tensão entre o desejo individual de progresso e as lealdades familiares e culturais. Ele não percebe que a verdadeira libertação pode vir através da adoção da língua dos colonizadores, o que sugere uma crítica ao colonialismo e à forma como ele molda as identidades.

A revolta de Delfina contra a interferência dos pais em seus sonhos destaca a luta das mulheres por autonomia em sociedades patriarcais cujas vidas são frequentemente decididas por homens, seja para casamentos precoces ou para trabalhos árduos.

Por esse motivo a nossa investigação acerca dos atravessamentos vivenciados pelos corpos dessas personagens trará à baila as complexificações e elucidações necessárias a um melhor entendimento desse contexto histórico traduzido pela ficção de Paulina Chiziane.

II. Interseções entre história, ficção e oralidades

O romance pós-moderno é um gênero literário que se destaca por desafiar os padrões tradicionais da narrativa e explorar a relação entre história e ficção. A obra de Linda Hutcheon (1991), *Poética do pós-modernismo*, discute a natureza do pós-moderno na ficção apresentando suas características na arte contemporânea, abordando a multiplicidade e a oposição dessa corrente artística.

Hutcheon (1991) argumenta que a paródia é um elemento fundamental para o pós-modernismo, destacando que essa abordagem possibilita uma relação crítica com as tradições artísticas anteriores. Ao aplicar a estética da paródia, os artistas podem explorar novos modelos de expressão ao mesmo tempo em que reconhecem e reinterpretem influências históricas.

Em seu aspecto exterior, poderia parecer que o principal interesse do pós-modernismo são os processos de sua própria produção e recepção, bem como sua própria relação paródica com a arte pelo passado. Mas quero afirmar que é exatamente a paródia - esse formalismo aparentemente introvertido - que provoca, de forma paradoxal, uma confrontação direta com o problema da relação do estético com o mundo de significação exterior a si mesmo, com um mundo discursivo de sistemas semânticos socialmente definidos (o passado e o presente) - em outras palavras, com o político e o histórico. (HUTCHEON, 1991, p.42)

Nesse contexto, a narrativa pós-moderna questiona a objetividade da história enquanto campo das Ciências Humanas e desafia as noções tradicionais de veracidade. Paulina Chiziane trabalha, em sua escrita, o efeito da paródia ao entrelaçar a narrativa do romance com eventos da história de Moçambique.

Um dos efeitos dessa abordagem ocorre quando a autora cria personagens que refletem sobre os acontecimentos da guerra pela independência que teve lugar em Moçambique entre os anos de 1964 a 1975, período que acompanha a trajetória da personagem Delfina antes, durante e após o conflito.

A abordagem paródica em relação aos fatos históricos presentes no romance de Chiziane permite a autora o uso de referências passadas de forma crítica, desafiando as narrativas tradicionais da história como os eventos da guerra pela independência de Moçambique, mencionados anteriormente, e o processo histórico de assimilação discutido no romance que será examinado ao longo dessa análise.

A narrativa revisita alguns momentos do passado histórico para retratar as três gerações de uma família que foi profundamente afetada pela colonização portuguesa. A trama destaca a presença de personagens que compartilham suas histórias ao longo da obra.

Dessa forma, ao dialogar elementos ficcionais com elementos históricos Chiziane nos conduz ao reconhecimento não apenas do papel da ficção na construção da memória coletiva, mas também a própria natureza da verdade histórica.

Para Hutcheon (1991), a relação entre o real e o imaginário revela um espaço literário em que as vozes do passado podem ser reinterpretadas para iluminar questões do presente, promovendo um diálogo permanente entre diferentes épocas.

Ao entrelaçar as fronteiras entre realidade e ficção, o romance possibilita aos leitores o questionamento do discurso oficial acerca do passado e do presente. Nesse contexto, é apresentado um tempo histórico cronológico relacionado à sequência temporal dos eventos narrados.

Essa passagem de tempo se relaciona com o contexto histórico de Moçambique, incluindo a luta pela independência e os períodos que se seguem, durante e após o período colonial. Dessa forma, as personagens vivenciam diferentes períodos de suas vidas, desde a infância até a fase adulta.

Da mesma forma, a narrativa também apresenta um tempo espiral, isto é, um tempo que se curva e se molda ao longo das histórias apresentadas. Todas tendo um início e um meio, mas nunca um fim preciso, com sua conclusão fragmentada e ambígua. A trama da família, em movimento espiralado, se inicia com a história de Serafina, que vende a

virgindade de sua filha Delfina em troca de uma taça de vinho. Posteriormente, essa dinâmica se repete quando Delfina também vende a virgindade de sua filha Maria das Dores, mas agora em troca de melhorias para seu negócio de pão.

No entanto, a história não segue o mesmo fluxo com Maria das Dores. Ela modifica o curso da narrativa ao não seguir as mesmas atitudes de sua mãe e avó. Em busca de uma vida melhor, Maria das Dores almeja não apenas melhorar sua própria situação, mas também a de seus filhos.

Para abordar a noção de tempo nas culturas africanas, Moreira (2013) analisa as reflexões de Kagame (1975), uma vez que o teórico recorre a um provérbio que ilustra a continuidade e a repetição dos ciclos temporais enfatizando que, embora os eventos possam parecer se repetir, ocorrem dentro de um contexto de evolução e transformação. A ideia central é que o tempo não deve ser compreendido como uma linha reta, mas sim como um ciclo circular e espiralado.

Kagame fala-nos de um provérbio que se aplica aos acontecimentos que recomeçam sua marcha ininterrupta no momento em que acreditávamos ter atingido o ponto final da série. Diz o provérbio: “Uma vez que é dia, depois noite, qual será o fim deles?” (KAGAME, 1975, p. 127).

Para Kagame (2013), esse provérbio procura explicar a circularidade que marca o tempo africano. Embora a circularidade não implique a ideia de um círculo que se fecha sobre si mesmo. A ela, acrescenta a imagem da espiral.

Nesse sentido, a temporalidade vivida pelas personagens não deve ser interpretada como um ciclo que se encerra, mas como um tempo em espiral. Isso sugere que, apesar da repetição observada na história de Serafina e sua filha Delfina, essa repetição acontece em um nível diferente quando se considera a trajetória de Maria das Dores.

Em outras palavras, a cada nova geração ou estação traz consigo uma nova perspectiva ou desenvolvimento mesmo quando remete aos eventos passados, cada ciclo não retorna ao mesmo ponto exato no espaço ou no tempo, ao invés disso, avança para uma nova fase de existência.

Sendo assim, a obra reconhece e reafirma o conceito de tempo espiralar, reunindo as características e conceitos de sua estrutura enquanto reflete seu entendimento, nas palavras de Martins (2021).

As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem (MARTINS, 2021).

O romance de Paulina Chiziane pode ser interpretado como uma narrativa que incorpora elementos míticos devido à sua abordagem ao mito de origem associado aos Montes Namuli.³ A narradora utiliza esse mito não apenas para simbolizar um espaço físico, mas para contar a gênese das mulheres e o princípio de tudo, contando a história da dominação feminina pelos homens cujas disputas por poder se desenrolam.

Nesse contexto, o conto mítico sobre os Montes Namuli serve como um recurso narrativo que conecta o passado ao presente, utilizando elementos históricos para explicar as experiências contemporâneas das personagens.

Dessa maneira, a narrativa não apenas revisita eventos do passado, sobretudo traduz o modo como as realidades atuais das mulheres foi pensada, enfatizando a continuidade entre a origem e a condição atual. Assim:

A força do passado deve, assim, estar no presente, para que nele as gerações atuais possam assumir o compromisso integral com o grupo ao qual pertencem, participando lado a lado com os antepassados da construção de tempos melhores para aqueles que vêm chegando (MOREIRA, 2013).

A presença de figuras arquetípicas, eventos sobrenaturais, simbolismos, além da interação entre o mundo espiritual e o mundo terreno contribuem para a construção de uma atmosfera mítica na abertura do romance

Diante desse contexto, a narrativa destaca a relação entre o mítico e a expressão da oralidade, centrando-se na figura feminina da esposa do Régulo. A personagem utiliza os contos míticos sobre a origem das mulheres no mundo para tentar explicar a origem de Maria das Dores. Os relatos que ela compartilha sobre a origem das mulheres no mundo tanto ressalta sua relevância como figura feminina como enfatizam o papel vital das mulheres como guardiãs e transmissoras de histórias.

No princípio de tudo. Homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. As mulheres usavam tecnologias avançadas, até tinham barcos de pesca. Dominavam os mistérios da natureza e tudo... eram tão puras, mais puras que as crianças numa creche. Eram poderosas. Dominavam o fogo e a trovoada. Tinham já descoberto o fogo. Os homens ainda eram selvagens, comiam carne crua e alimentavam-se de raízes. Eram canibais e infelizes. Um dia, um homem jovem tentou atravessar o rio Licungo, para saber o que havia. Ia afogar-se quando aparece a linda jovem, sua salvadora, que meteu o homem no seu barco. Como houvesse frio, a jovem tentou reanimar o moribundo com o calor do seu corpo (CHIZIANE, 2008, p. 17).

³ Montes Namuli: Situado na província da Zambézia, distrito de Gurué, é a segunda montanha mais alta de Moçambique com 2419 metros de altitude. Além da importância natural, o Monte Namuli é o berço das tribos Lomwe e Makua e por isso tem uma importância significativa para as 12 mil pessoas que atualmente vivem nas suas imediações.

O mito narrado pela personagem é ambientado na região da Zambézia, em Moçambique, refletindo as realidades sociais e políticas do local, durante e após o período colonial. a história contada pela esposa do Régulo sobre a origem do mundo e o papel das mulheres, representa a força feminina como o ponto de ignição e origem da realidade, criando um paralelo clássico com a mitologia cristã, dessa vez centralizando o papel da mulher como o centro de tudo.

Diante disso, a autora incorpora em seu texto romanesco elementos de uma tradição oral de seu país ao valorizar a arte de contar histórias ao redor das fogueiras, uma prática que, segundo ela, tem sido parte integrante de sua vida desde a infância. Assim, elucida-nos, Franzini (2020).

Moçambique, assim como fica possível observar pela fala da autora, é um país permeado pela tradição oral, sendo a escrita uma característica trazida pela colonização. Nesse sentido, ao se intitular contadora de histórias, Paulina retoma uma tradição muito importante de seu país, recuperando o ato de narrar em volta das fogueiras, momento que, segundo a autora, está presente em sua vida desde a infância (FRANZINI, 2020, p.21).

É válido salientar que Moçambique é um país que segue fielmente suas tradições e o romance de Paulina Chiziane reforça reitera que a oralidade é o principal meio de comunicação de histórias, da própria cultura e das tradições.

A oralidade se torna um recurso fundamental nas culturas africanas, pois possibilita o estudo das narrativas orais de cada comunidade, contribuindo para uma melhor compreensão da história e das tradições específicas de cada grupo.

Como observa Leite (1998): “a escrita é europeia, a oralidade é africana” (LEITE, 1998, p.15). Essa afirmação sugere que o que é considerado um fenômeno acidental na perspectiva ocidental se transforma em um fenômeno essencial quando analisado sob a ótica africana. Portanto, a “natureza” cultural africana é intrinsecamente oral; são os europeus que interferiram nesse estado “natural” e primordial (LEITE, 1998, p.15).

Um exemplo significativo desse recurso narrativo é quando as mulheres da vila encontram Maria das Dores despida no rio e buscam ajuda na casa do Régulo para desvendar o mistério e compreender a origem daquela mulher. “A senhora que conhece os segredos deste e de outro mundo, os caminhos do além, os detalhes do mistério do horizonte, acuda-nos” (CHIZIANE, 2008, p.14).

O excerto acima, dá-nos o entendimento de que a figura da esposa do régulo é descrita como alguém que detém conhecimentos sobre segredos, caminhos do além e

mistérios. Ela é vista como uma contadora de histórias capaz de auxiliar em situações difíceis, sendo invocada para ajudar.

A velha senhora era uma exímera contadora de histórias. Ela sabe as circunstâncias exatas em que se deve usar uma imagem e outra. O que deve ser omitido e o que deve ser dito. Os momentos que marcam e os momentos de pausa. A beleza da história depende da tonalidade da voz, dos gestos da contadora. Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-las de volta ao mundo da reflexão (CHIZIANE, 2008, p. 17, 18).

Destaca-se, desse modo, a importância da contação de histórias como um meio de transmitir conhecimento e converter as percepções sociais em relação à figura feminina. A esposa do régulo utiliza relatos sobre o matriarcado para transformar a visão das mulheres sobre a representação da nudez de Maria das Dores às margens do rio. Aludindo ao conto mítico, a figura da mulher nua para a esposa do Régulo significa “o regresso ao estado de pureza que caracterizava o tempo mítico ancestral” (MOREIRA, 2013).

A multidão se espanta e a mulher do régulo sorri. Da boca adocicada ela solta os melhores acordes. Dos braços pequenos abre-se um manto confortável como as asas de uma águia, onde a multidão de mulheres se aninha como rebentos de pássaros. Do seu peito solta-se um sopro de coragem que a brisa transporta para cada um. A multidão ouve a sua voz a penetrar. O sorriso a desabrochar. A mente a vadiar na paisagem dos princípios. O medo a escapar. Os ânimos se acalmando. O espírito a serenar. A princípio a voz ouvia-se de perto (CHIZIANE, 2018, p. 17)

Nesse contexto, a imagem da esposa do Régulo estabelece uma conexão com as tradições ancestrais e os princípios do matriarcado, sugerindo que as mulheres têm um papel central na preservação da cultura e na transmissão de saberes ancestrais. A alusão ao conto do matriarcado implica que há uma narrativa rica e densa sobre o papel das mulheres nas sociedades africanas, especialmente em contextos onde o matriarcado pode ter sido uma estrutura social predominante antes da colonização.

Tive todos os homens do mundo. Dois maridos, muitos amantes, quatro filhos, um prostíbulo e muito dinheiro. O José, teu pai negro, foi a instituição conjugal com que me afirmei aos olhos da sociedade. O Soares, teu padrasto branco, foi a minha instituição financeira. O Simba, esse belo negro, foi minha instituição sexual, o meu outro eu de grandezas imaginárias, que me deixou para ser teu marido. Reinei. Aterrorizei. O único tormento que sofri nesta vida maldita foi a dor de te ter perdido. Vinguei-me de tudo. Roubei o amor dos homens, deixando frio nas camas das outras mulheres. Destruí famílias (CHIZIANE, 2008, p. 44).

“Podemos pensar que as duas mulheres encarnam dois polos opostos, mas complementares, no matriarcado encenado por Paulina Chiziane em O alegre canto da perdiz” (MOREIRA, 2013). Desse modo, a narrativa sugere que a busca por identidade está

entrelaçada com a história coletiva das mulheres moçambicanas, destacando como suas experiências pessoais se conectam com questões mais amplas de opressão e resistência.

Portanto, Delfina é uma moçambicana descrita como uma mulher rebelde que não segue os padrões sociais estabelecidos pela sociedade colonial, seu desejo de mudar seu status social como mulher preta na sociedade colonial reflete sua resistência perante o colonialismo. Desse modo, “O tempo fundante da narrativa é, portanto, o tempo desse matriarcado” (MOREIRA, 2013). O matriarcado dentro do romance é um espaço de resistência e transformação onde as mulheres buscam redefinir sua identidade e papéis dentro de um contexto opressivo.

Por outro lado, Maria das Dores é uma moçambicana marcada por violência de gênero, psicológica e abusos sexuais desde a infância. A personagem passa por um momento de auto-avaliação íntima que a leva a revisitar as memórias de seu passado.

Este processo de rememoração não apenas revela eventos marcantes de sua história pessoal, mas também destaca a importância da narrativa na compreensão do eu. Ao compartilhar suas lembranças desde o início de sua existência, Maria das Dores se conecta com suas emoções mais profundas.

Das origens guarda as mais doces memórias. Diz que não é uma preta qualquer. Não nasceu no matagal nem no canavial. Nem ao gosto do acaso nem por acidente. Ela foi desejada, esperada, o seu nascimento celebrado. Veio ao mundo nas mãos de uma parteira branca, no hospital dos brancos. Foi criada com leite, mel, beijos e muito carinho. Cresceu no berço de ouro e na alcofá de rendas. Gerada por um preto, criada por um pai branco. Um dia o pai negro partiu, o pai branco chegou e a vida mudou (CHIZIANE, 2008, p. 45).

Assim, ao revisitar seu passado, Maria das Dores relembra a história de seu nascimento e sua infância, além do início da construção de sua família. Nascida de origem moçambicana, com um pai preto e uma mãe preta assimilados, não era uma “preta qualquer”; ela nasceu em meio à assimilação, tendo acesso a oportunidades que eram geralmente reservadas aos brancos. Após a partida de seu pai preto, foi criada por um pai branco, o que transformou radicalmente sua vida.

Nesse contexto, ambas as personagens refletem a complexidade da experiência feminina em Moçambique. O matriarcado é um espaço essencial para a resistência e a busca por dignidade em meio à opressão. Elas exemplificam como esse sistema serve como um local de união para as mulheres, que se organizam para desafiar as estruturas opressivas que tentam silenciá-las, criando novas narrativas que promovem a transformação social.

III. A trajetória de Delfina: o jugo do Estatuto do indigenato e as tentativas de assimilação no contexto colonial

No romance, a trajetória de vida da personagem Delfina é profundamente marcada pela imposição de padrões culturais e estéticos europeus durante o período colonial, que se tornaram instrumentos de opressão e controle.

Tal imposição manifestou-se de diversas maneiras, refletindo a brutalidade do domínio colonial português sobre as populações indígenas, em Moçambique. As mulheres sofreram a exploração sexual e múltiplas violências de gênero e psicológica. Um exemplo claro desse aspecto histórico ficcionalizado pela obra literária, no campos das literaturas africanas de língua portuguesa, é a novela *Nga Muturi* (1882) de Alfredo Troni, cujo enredo se desenvolve em torno da trajetória de uma mulher fula, vítima de diversas violências de gênero no contexto da sociedade colonial em Angola.

O estatuto do indigenato (1928), código de leis imposto às populações africanas colonizadas por Portugal, tal como Moçambique, impôs uma realidade opressiva pela qual as tentativas de assimilação cultural eram frequentemente acompanhadas por violências sistemáticas que buscavam apagar identidades culturais da população moçambicana.

Conforme Mindoso (2017), a intervenção colonialista em Moçambique se efetivou em três categorias, a saber: os colonos portugueses (agentes da colonização), os indígenas (objetos da colonização) e os assimilados (o “produto da colonização”).

As considerações de Mindoso nos dá o entendimento de que, sob outro viés, havia o regime jurídico do indigenato, uma vez que esse regime determinava os direitos e obrigações das populações indígenas as quais eram consideradas carentes de civilidade suficiente para serem incorporadas à legislação civil, trabalhista ou tributária que regia os indivíduos integrados ao regime normal de cidadania.

O sistema de indigenato em Moçambique, e nas demais colônias africanas sob o jugo do colonialismo português, tinha como propósito principal regular a vida dos povos nativos que habitavam o território moçambicano, sendo tratados como cidadãos de segunda classe.

Nesse sentido, durante a década de 1928 a 1960 o Estatuto do Indigenato foi instituído em Moçambique sob o regime colonial português conforme nos explica Bailosa:

À categoria jurídico-social de indígena, sem direito à representatividade política, juntou-se, em 1928, o “dever moral de trabalhar”, estabelecido pelo Código de Trabalho Indígena... As medidas vigoraram até o início da década de 1960, deixando marcas profundas, como desigualdades na educação e a separação de famílias devido ao trabalho forçado (BAILOSA,2023).

O conjunto de leis tinha como objetivo controlar a vida dos sujeitos colonizados, limitando suas liberdades dentro da sociedade e estabelecendo um controle social sobre essas comunidades. Além disso, é flagrante o controle sobre os corpos e as forças de trabalho desses sujeitos. Importa destacar que a instalação do estatuto do indigenato contribuiu também para a formação do grupo dos “assimilados”. Segundo Mindoso:

Ele o encarou como moçambicano negro ou mestiço que havia superado a condição de indígena, de “não civilizado”, tomando-o cidadão português, à semelhança dos colonos portugueses. A pesquisa mostra, porém, que ao contrário da expectativa do Estado e das elites coloniais, o assimilado não abandonava completamente as práticas e costumes indígenas. Ele negociava a sua identidade (MINDOSO, 2017).

Após a ocupação efetiva dos portugueses nos territórios de Moçambique, os colonizadores esforçaram-se para levar a “modernização” às colônias portuguesas no continente africano. “Esta ‘modernização’ de Moçambique, porém, caracterizou-se por ser excludente, sobretudo na sua concepção de indivíduo e na definição de sua condição cidadã” (MINDOSO, 2017, p. 18).

Os colonizadores portugueses impuseram suas próprias concepções de modernidade e cidadania às populações autóctones, frequentemente ignorando suas tradições e identidades culturais.

Por meio dessa assimilação forçada, buscava-se converter os nativos em súditos leais do império português, privando-os de sua autonomia e igualdade de direitos.

Além disso, a concepção de indivíduo e cidadão imposta pelos colonizadores refletia uma visão eurocêntrica e hierárquica da sociedade pela qual a população local era considerada inferior aos portugueses. Essa mentalidade discriminatória permeava todas as esferas da vida colonial, desde a educação até o acesso a cargos políticos e econômicos.

É nesse contexto que surge o processo de assimilação. O Estado colonial passou a dividir a sociedade em quem seriam considerados “cidadãos” e teriam os mesmos benefícios praticados na metrópole colonial e os que seriam considerados “incivilizados”.

Sob este regime de cidadania, estavam enquadrados os colonos portugueses e seus descendentes, os estrangeiros não-africanos, as diferentes minorias de origem asiática residentes na colônia (indianos, paquistaneses, chineses, etc.), bem como os moçambicanos que fossem considerados “civilizados” e aporuguesados, ou seja, os assimilados. (MINDOSO, 2017,p.19).

Os colonizadores em Moçambique utilizaram o processo de assimilação como uma forma de dominar a população nativa, promovendo o apagamento de sua cultura, língua e tradições. A população nativa se via obrigada a se assimilar com o intuito de ser reconhecida como cidadã pela sociedade dominante e, desse modo, usufruir dos mesmos direitos que seus colonizadores europeus.

O processo histórico de assimilação é um tema explorado no romance *O alegre canto da perdiz* a partir do momento em que a personagem Delfina manifesta, desde a infância, o desejo pela assimilação. Ao perceber sua condição de mulher preta dentro de um sistema colonizado, cercado por lutas pelo poder entre colonizados e colonizadores, a personagem despertou o anseio em se sentir uma cidadã portuguesa.

Para tanto, Delfina compreende que a única maneira de escapar da opressão colonial seria adotar os costumes dos brancos e se casar com um homem branco para evitar a escravidão. Ela passa a almejar a vida das senhoras brancas.

O coração de Delfina constrói cidades de néon. Com muita comida e muito vinho. No seu sonho é senhora e habita uma cidade de pedra. Com vestido. Com vestidos de renda. Criados tão pretos como ela que tratará como escravos. Um marido branco e filhas mulatas a quem irá pentear os cabelos lisos e amarrar com fitinhas de seda. Terá grandeza das sinhás e das donas, apesar de ser negra, ela sente. Receberá favores do regime. As mulheres negras que casam com branco sobem na vida. Comem bacalhau e azeitonas, tomam chá com açúcar, comem pão com manteiga e marmelada (CHIZIANE, 2008, p. 73, 74).

A colonização impôs um conjunto de imaginários aos povos colonizados. No caso da personagem Delfina, a violência colonial impõe a ideia de que as mulheres pretas deveriam se casar com homens brancos como uma forma de melhorar sua condição racial. Pois o sentimento de inferioridade as conduzia ao desejo de se identificarem mais com a cultura branca. Nas palavras de Frantz Fanon (1961) sobre as relações inter-raciais no contexto colonial caribenho:

Todas essas mulheres de cor, desgrehadas, à caça do branco, esperam. E certamente um dia desses se surpreenderão não querendo mais se atormentar, mas pensarão “em uma noite maravilhosa, um amante maravilhoso, um branco”. Porém também elas talvez compreendam um dia “que os brancos não se casam com uma mulher negra.” Mas aceitam correr o risco, porque precisam da brancura a qualquer preço (FANON, 1952, p. 58,59).

Em um momento posterior, Delfina se vê profundamente apaixonada por José dos Montes, um homem preto condenado à escravidão. Ela percebe que a única saída é se casar,

pois acredita que o casamento destruirá o amor entre eles e permitirá que cada um siga seu próprio caminho. Como ela mesma diz:

Então casemos, assim o amor acaba. Quando o amor terminar, cada um seguirá a sua vida. O casamento é o único recurso disponível para acabar com o tormento. O amor é um prato de sopa que se come quente. Arrefecido não presta. Por isso deve ser consumido logo, antes que a refeição (CHIZIANE, 2008, p. 84).

Ao optar pelo casamento, Delfina apresenta José do Montes aos seus pais como seu noivo, desafiando as expectativas de sua mãe que não aprova a união entre a filha e o escolhido, não porque houvesse algo pessoal contra o rapaz, mas porque ela carregava consigo as palavras de tantas mães pretas que aprenderam que a sorte seria o casamento com um homem branco para melhorar sua raça e conseguir um lugar na sociedade, assim:

A mãe solta um grito de espanto. Amargo espanto. Como se uma espinha de peixe se entalasse na garganta. Engasga-se. Tosse. E retoma o discurso com voz rouca. — Com esse preto? — Oh! Não entende! A mãe é ainda mais negra que ele! — Melhora a tua raça, minha Delfina! Repete inconscientemente o que ouvia da boca de tantas mães negras. E dos brancos. Casar com um preto? Confirmando que o sexo é uma arma de combate em tempo de guerra. Casar com um preto? Palavras comuns na boca dos marinheiros. Que os próprios negros adoptam como verdades inquestionáveis (CHIZIANE, 2008, p. 87, 88).

O fragmento textual acima mostra a insatisfação da mãe ao ver que a filha iria casar com um homem preto. A mãe expressa seu preconceito racial, refletindo a mentalidade enraizada na sociedade em que vivem.

É interessante ressaltar que a ficção de Chiziane (2008) descortina o cotidiano de mulheres que, muitas vezes, não são repassados por meio de boa parte dos tratados acerca da história do país da autora.

E eis o poder da literatura, o não dizer dizendo. Nesse caso, revelando-nos o quanto as ideias racistas são perpetuadas e internalizadas até pelas vítimas desse preconceito.

A pressão social e a discriminação são evidenciadas nas palavras da mãe que refletem a hierarquia racial imposta pela sociedade. Serafina é confrontada e se vê numa luta interna entre as crenças impostas e seus próprios sentimentos, evidenciando o conflito entre a consciência individual e as normas sociais opressivas, conforme explicado por Fanon (1961):

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. Ao negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável (FANON, 1952, p.59).

Mesmo com todas as injúrias contra José dos Montes, essa personagem compreende a complexidade de Serafina, que se encontra em um estado de derrota e autonegação. Ela não

tem fé em sua própria existência, não se defende e se entrega passivamente à “auto-eliminação”, como um cordeiro sacrificado. Sua reação diante do casamento iminente é de puro medo e desespero, refletindo uma profunda dor interior que a assola, assim:

José começa a entender aquela mulher derrotada, que se anula, que se renega. Que não acredita na própria existência, e nem se defende, e que se entrega à auto eliminação como um cordeiro na fogueira da imolação. Assustada como um rato com a emergência daquele casamento. Não era a raça que rejeitava, mas a dor antiga que a magoava. Estava possuída pelos fantasmas dos homens do mar e tentava eliminar, com tinta vermelha, as marcas de uma raça (CHIZIANE, 2008, p. 95).

Diante o fragmento exposto é possível afirmar que não é a origem étnica que ela rejeita, mas as cicatrizes emocionais deixadas por experiências passadas. A presença dos “fantasmas dos homens do mar” sugere um peso histórico e cultural que a assombra, levando-a a tentar apagar as marcas de sua identidade com tinta vermelha.

Nesse sentido, Serafina busca a ascensão para a melhoria de suas condições de vida por meio do apagamento de sua raça e cultura. Ela enfrenta pressões sociais e culturais que a obrigam a considerar a ideia de se casar com um homem branco para escapar da pobreza e do sofrimento associados à sua identidade racial.

Vai casar com um preto, parir mais pretos e mais desgraça. Com tantos brancos que te querem bem. Não custa nada eliminar a tua raça para ganhar a liberdade. Temos que resistir Delfina, temos que resistir. Temos que nos submeter à vida que nos impõem, acreditar no Deus deles, esse ser invisível e sem forma concreta (CHIZIANE, 2008, p.97).

A citação destaca o conflito interno de Serafina entre atender as expectativas impostas pela sociedade dominante ou resistir e preservar sua própria identidade.

Delfina, mesmo desafiando as expectativas de sua mãe ao casar-se com um homem preto, sempre recorda as palavras maternas que ecoavam em sua mente: “Melhora a tua raça, minha Delfina!” (CHIZIANE, 2008, p. 87). Essa frase impulsiona Delfina a convencer seu marido, José dos Montes, a se tornar um assimilado e buscar uma vida com os benefícios almejados.

Inicialmente, reluta a ingressar no exército colonial, mas José dos Montes vislumbra as possibilidades que poderia proporcionar à sua amada esposa Delfina.

— Sei onde ir buscar a fortuna de que precisamos, meu amor. — Sabes? — Sim. Basta sermos assimilados do regime. É a única saída. José aprende a dor de ser homem. Construir o mundo com a força dos braços. Quebrar pedras nas profundidade do túnel, transformá-las em pão. Mas ser assimilado? — Os assimilados são assassinos, Delfina. — E daí? A vida de um negro é matar ou morrer. Se não matas tu, matam-te eles a ti. Que diferença faz? (CHIZIANE, 2008, p.113).

A percepção da sua condição enquanto homem preto em uma sociedade colonizada por Portugal, impulsiona-o a perceber na assimilação como único caminho para sobreviver em meio a uma realidade que lhe desfavorece e marginaliza sua existência.

O crítico palestino Edward Said (2003), em sua obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, argumenta que o Ocidente, inicialmente, concebeu a ideia de que seus povos eram superiores e os únicos com capacidades racionais e políticas de auto-governo. “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (SAID, 1978, p. 32).”

É nesse contexto que José dos Montes, assim como parte da população colonizada acredita que a assimilação seja o único caminho para a sobrevivência.

José percorre a magia luminosa das aparências. Na cegueira perseguindo os caminhos do abismo. Colonizar é mesmo isto. Desviar o curso do rio. Matar de sede os peixes, as algas e os corais. José mergulha na nova corrente e afoga-se entre as folhagens das algas. Por amor, julga ele. Mesmo sem amor as comportas se fecham, quem resiste, morre. Colonizar é fechar todas as portas e deixar apenas uma. A assimilação era o único caminho para a sobrevivência. (CHIZIANE, 2008).

Ao entrar para o sistema de assimilação, José dos Montes e Delfina, renunciam a sua cultura, língua materna e crenças realizando um juramento perante a um oficial da justiça. Logo, assimilam as crenças e a fala de seus colonizadores.

Conforme Mendonça (1988, p.34), apesar do assimilado sentir-se superior em relação aos seus irmãos autóctones, de que ele é ou era originário, “Esta opção” produziu um conflito não resolvido.

Quem não se ajoelha perante o poder do império não poderá ascender ao estatuto de cidadão. Se não conhece as palavras da nova fala jamais se poderá afirmar. Vamos, jura por tudo que não dirás mais uma palavra nessa língua bárbara. Jura, renuncia, mata tudo, para nasceres outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagãos. José faz o juramento perante um oficial de justiça, que mais se parece com um juramento de bandeira. (CHIZIANE, 2008, p. 114)

Foi nesse contexto de assimilação e renúncia de todas as suas práticas culturais que José dos Montes foi contemplado com o cargo de “Sipaio”, uma responsabilidade que lhe obrigava a matar e torturar outros iguais nas plantações dos brancos.

— Já és assimilado. E serás sipaio a partir de hoje. — Sipaio? — Sim. Tens muita fibra nesses músculos. És um negro de bom porte para sipaio. — Mas... — Psiu, silêncio. Aqui não há perguntas. Queres ou não ser assimilado? — É que não sei como ser sipaio. — Não te preocupes, aprende-se depressa, não custa nada (CHIZIANE, 2008, p. 115).

Entretanto, a condição de Sipaio (soldados africanos recrutados pelo exército colonial português para servir nas colônias) apresenta o quanto, dentro das imposições da assimilação, é necessário fazer para alguém “defender o seu pão” e defender um estatuto social à custa da dignidade humana, como pontua (LÁZARO, 2021).

José se esmerou. Comandou. E arrasou. Na carreira do crime fez a sua entrada triunfal. Está no topo da pirâmide. Cumpriu os mandamentos do regime com a maior eficiência do mundo. Torturou. Massacrou. Prende e acorrentou muitos m'zambezi para as plantações. Meteu muitos nós navios da deportação. Depois veio o equilíbrio. O gozo. A imensidão. O mundo era finalmente seu (CHIZIANE, 2008, p. 129).

Desse modo, é possível perceber a importância dos assimilados durante o processo de colonização, destacando como suas ações e colaboração foram fundamentais para a concretização desse empreendimento histórico. José, sem saber, tornou-se um marco, uma figura que contribuiu para moldar a história, transformando-se em mito e lenda. “O que José não sabia é que os seus atos se tornaram um marco, história, mito, lenda. Mudaria o mundo. Sem a cumplicidade dos assimilados e seus sipaios a terra jamais seria colonizada” (CHIZIANE, 2008, p. 129).

A citação ressalta que sem a cumplicidade dos assimilados e seus sipaios, a colonização do território não teria sido possível, uma vez que esses indivíduos desempenharam um papel crucial na implementação das estratégias coloniais, facilitando o controle e a dominação dos territórios conquistados. Sua participação ativa e colaboração com os colonizadores foram essenciais para o sucesso do empreendimento colonial, demonstrando como diferentes atores desempenharam papéis distintos nesse complexo processo de interações culturais, políticas e produção de violências.

O enredo da narrativa de Paulina Chiziane nos dá a compreensão de que se tornar-se assimilada não foi o suficiente para Delfina, pois ainda lembrava dos conselhos de sua mãe em melhorar sua raça e da sua vontade em ultrapassar sua condição de mulher preta, a personagem retoma sua admiração pela vida dos brancos. A percepção de sua condição, impulsiona-a estar sempre em busca de algo que lhe possibilite ultrapassar sua condição social enquanto mulher preta em uma sociedade patriarcal colonizada por homens brancos.

A partir do contexto histórico afro-brasileiro, a filósofa afro-brasileira Djamila Ribeiro (2017) argumenta em seu ensaio “Mulher negra: o outro do outro” que a mulher é percebida como o outro, o oposto do homem, retomando a célebre máxima de Simone de Beauvoir. Nesse sentido, Ribeiro debate com Beauvoir sobre a representação da mulher como “o outro” a partir de uma perspectiva masculina, resultando em uma relação de

subordinação e hierarquização que gerou e ainda gera à concepção da mulher enquanto objeto funcional.

De forma simples, seria pensar na mulher como algo que possui uma função. Uma cadeira, por exemplo, serve para que a gente possa sentar, uma caneta, para que possamos escrever. Seres humanos não deveriam ser pensados da mesma forma, pois isso seria destituir-lhes de humanidade (RIBEIRO, 2017, p.39).

IV. Considerações finais

Considerando a proposta dessa leitura crítica e as reflexões sobre a trajetória de Maria das Dores e Delfina, com destaque para as contradições do processo histórico moçambicano sob influência do jugo colonial, Chiziane de certa maneira, exerce com maestria o seu papel social e político ao narrar de forma corajosa sobre as possibilidades de realidade vivida por seu povo, negando-se ao silenciamento e dando voz as inúmeras crianças, meninas e mulheres caladas por uma sociedade opressora.

As colocações e as comparações no decorrer do romance entre as mulheres podem ser analisadas à luz das questões de gênero e poder, conforme discutido pela autora em sua obra “Eu mulher...por uma nova visão do mundo” (1994). Chiziane aborda a exploração, objetificação e subjugação do corpo feminino em contextos coloniais, destacando as diversas formas de opressão e violência enfrentadas pelas mulheres colonizadas ao longo da história, como a exploração sexual e outras manifestações de violência física e psicológica.

Portanto, ao examinar a trajetória de Maria das Dores e Delfina, em relação aos seus corpos no romance, é possível identificar paralelos com as discussões sobre a opressão do corpo feminino em contextos coloniais apresentados por Chiziane.

Nesse contexto, a autora reflete sobre a opressão enfrentada pelas mulheres, afirmando: “Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas idéias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher” (CHIZIANE, 2008, p. 200).

Por meio do discurso de sua protagonista, a autora alcança o caráter pedagógico, de transmissão de conhecimento pelo romance, isto é, por meio do imaginário da literatura, mostrar e denunciar as situações opressoras e os muitos dilemas que as mulheres moçambicanas foram sujeitadas.

Assim, ela colabora, através da escrita, em uma sociedade em que a palavra vale tanto ou mais que o escrito, para a construção de uma reflexão individual e social em um território

permeado por relações de poder e que vive um sistema patriarcal. Desse modo, ela contribui para que a escrita feminina continue a alcançar um espaço de protagonismo e que não seja alvo da opressão, instrumento para dar voz principalmente às próprias mulheres moçambicanas a refletirem e mudarem sua realidade.

REFERÊNCIAS

BAILOSA, Analú. **O regime do indigenato e as dinâmicas coloniais que as independências não apagaram.** *Revista Gerador*, 2023.

BARBOSA DE MEDEIROS, Claudia; TINDÓ SECCO RIBEIRO, Carmen Lúcia. **O alegre canto do corpo feminino e suas notas dissonantes.** *Revista Graphos*, v. 16, n. 1, p. 1516-1536, 2014.

CHIZIANE, Paulina. [Testemunho] **Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo.** *Abril: Revista de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA UFF*, v. 5, n. 10, p. 199-205, 2013.

CHIZIANE, Paulina. ***O alegre canto da perdiz.*** Lisboa: Caminho, 2008.

CARDOSO, Mariana Motta Campinho; DA SILVA, Renata Flavia. **Da assimilada à mãe África: representações do feminismo em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane.** *Via Atlântica*, v. 22, n. 1, p. 131-160, 2021.

DE MACÊDO MENDES, Algemira; CIARLINI, Daniel Castello Branco. **O pós-colonialismo em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane: pontos convergentes.** *Contexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES*, n. 26, 2014.

FANON, Frantz. ***Peles negras, máscaras brancas.*** 1952. Salvador: EDUFBA, 2018.

FRANZINI, Letícia Alves. **Entre mitos, reinados e quedas: leituras de *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane**. 2021.

HUTCHEON, Linda. ***Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção***. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LÁZARO, A.; MARTINS, D. A. **A amarga experiência de racismo em Moçambique: a cor da pele, a educação e a sobrevivência do mais forte**. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v. 26, e215373, 2021.

LEITE, Ana Mafalda. ***Oralidades & escritas nas literaturas africanas***. Lisboa: Colibri, 1998.

MARTINS, Leda Maria. ***Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela***. São Paulo: Editora Cobogó, 2021.

MINDOSO, André Victorino. ***Os assimilados de Moçambique: da situação colonial à experiência socialista***. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **Tempo e história na narrativa moçambicana**. In: *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Appris, 2013. p. 263-283.

RIBEIRO, Djamila. ***O que é lugar de fala?*** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAID, Edward W. ***Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente***. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.